

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918)

The football during the Great War (1914-1918)

Le football dans les temps de Grand Guerre (1914-1918)

El fútbol en tiempo de la Grande Guerra (1914-1918)

Ricardo Costa Pereira
CITCEM-Universidade do Porto
ricardopereiraflup@gmail.com

Resumo: O presente estudo tem o intuito de analisar o futebol no tempo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Este conflito, definido pelos contemporâneos como “Grande Guerra”, marcou profundamente a vida de milhões de pessoas por todo o mundo. Numerosos futebolistas foram incorporados nos contingentes militares interessando, por isso compreender quer o impacto da guerra nos clubes de futebol quer a vida dos jogadores na frente de batalha. Quanto a Portugal, importa estudar os efeitos do conflito mundial no futebol nacional. Se, por um lado, a guerra colocou entraves à evolução deste desporto, por outro, o futebol soube adaptar-se e ajudar as vítimas do conflito através dos jogos de solidariedade.

Palavras-Chave: Grande Guerra, Futebol, Portugal, Primeira República Portuguesa.

Abstract: The main goal of the presente article is to analyse the football during the First World War (1914-1918). This conflict, named “Great War” by contemporaries, left a strong mark in millions of people. Many football players had reinforced the military forces, so we want to understand the impact of war in football clubs and the life of those players in frontline. For Portugal, matter to analyse the effects of this world conflict in national football. By one hand, the war put a lot of problems to the development of this sport. In other side, football adapted and helped the war victims by solidarity games.

Keywords: Great War, Football, Portugal, First Portuguese Republic.

Resumé: La présente étude se propose d’analyser le football à l’époque de la Première Guerre mondiale (1914-1918). Ce conflit, défini par les contemporains comme Grande Guerre, a profondément marqué la vie de millions de personnes dans le monde. De nombreux joueurs ont été incorporés dans des contingents militaires intéressants, si vous voulez comprendre l’impact de la guerre sur les clubs de football veulent la vie des joueurs en face. En ce qui concerne le Portugal, nous étudions les effets du conflit mondial dans le football national. D’une part, la guerre a mis des obstacles à l’évolution de ce sport, de l’autre, le football a appris à adapter et à venir en aide aux victimes du conflit à travers des jeux de solidarité.

Mots-clés: Guerre mondiale, Football, Portugal, Première République portugaise.

Resumen: El presente estudio tiene el objetivo de analizar el fútbol en el tiempo de la Primera Guerra Mundial (1914-1918). Este conflicto, apodado de Gran Guerra por los contemporâneos, marcó profundamente la vida de millones. Muchos futbolistas fueron reclutados para los contingentes militares, por lo que queremos comprender el impacto de la guerra en el fútbol y el impacto de la guerra en el fútbol. Si por un lado, la guerra colocó obstáculos al desarrollo de este deporte, por otro lado el fútbol supo adaptarse y ayudar las víctimas de la guerra a través de juegos solidários.

Palabras clave: Gran Guerra, Fútbol, Portugal, Primera República Portuguesa.

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

Introdução

O tema do presente trabalho é o futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918). O futebol, desporto criado no século XIX, estava em processo de democratização e expansão nas vésperas deste conflito bélico. Com a Grande Guerra, os futebolistas trocaram os campos de futebol pelos de batalha. As problemáticas deste artigo são as seguintes: analisar o impacto da guerra nos clubes portugueses, nomeadamente no que concerne ao recrutamento ou voluntarismo dos futebolistas para o conflito; compreender se a guerra teve influência nas querelas que eclodiram entre os clubes, as associações e a imprensa; por último, perceber o papel dos jogos de solidariedade durante a conjuntura bélica.

Tanto a historiografia portuguesa como a internacional têm abordado com profundidade a Grande Guerra. Para o presente estudo consultei duas obras de carácter geral que tratam a temática da participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial. A saber, *História de Portugal* (Ramos, 1996) e *Portugal Contemporâneo* (Reis, 1990). Neste âmbito, importa ainda destacar a consulta do *Dicionário de história da I República e do republicanismo* (Rollo, 2014).

No que respeita à historiografia da I República Portuguesa, optei por consultar obras que reportam a diversas temáticas (política, economia, sociedade, cultura). No plano político, destaco *História da Primeira República Portuguesa* (Rosas; Rollo, 2010) e *A Primeira República Portuguesa: diplomacia, guerra e império* (Oliveira; Meneses, 2011). No que respeita ao tema da Grande Guerra, os estudos são numerosos e abrangem espaços diversos - desde o continente europeu, Portugal e até concelhos. Destaco os seguintes: *Portugal e a Grande Guerra* (Rollo, 2015); *Com a vida tão perdida: diário de um prisioneiro na Primeira Guerra Mundial* (Rita, 2017); *A Grande Guerra (1914-1918): problemáticas e representações* (Alves; Alves; Pereira; Meireles, 2015); *(Con) Viver com o inimigo: a atividade submarina alemã durante a primeira guerra mundial (1914-1918): interações na costa de Esposende* (Brandão, 2015). Na historiografia internacional, a Grande Guerra é um tema estudado com profundidade. Os livros *A Grande Guerra 1914-1918* (Ferro, 2002); *A Primeira Guerra Mundial* (Gilbert, 2007); *História da Vida Privada: Da primeira guerra mundial aos nossos dias* (Vincent; Prost, 1990); *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)* (Traverso, 2009); *A era*

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

dos extremos: breve história do século XX (Hobsbawm, 1996) e *O Horror da Guerra* (Ferguson, 2018) retratam o tempo da Grande Guerra ao nível político, económico, social e cultural.

Os estudos acerca do futebol no período de 1914 a 1918 são mais recentes. As monografias *Histoire du Football* (Dietschy, 2010) e *La balle au pied: histoire du football* (Wahl, 2006) analisam o futebol, durante a Primeira Guerra Mundial, e em muitos países. Estas obras são bastante úteis para comparar o futebol português com o espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, etc. Importa ainda reiterar a obra *Inverting the Pyramid: The History of Football Tactics* (Wilson, 2008) que analisa a evolução tática da modalidade. Em Portugal, os trabalhos sobre a História do Futebol são recentes, praticamente do século XXI. Consultei obras que tratam do futebol a nível nacional como *A Paixão do Povo: História do Futebol Português* (Coelho; Pinheiro, 2002); *Desporto com Política* (Simões, 2010) e *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de abril. Uma análise social e cultural* (Serra; Serrado, 2010). Ao nível do futebol local, destaco duas obras, respetivamente, de Lisboa e do Porto: *História do Futebol em Lisboa: de 1888 aos grandes estádios* (Dias, 2000) e *O futebol portuense durante a República Portuguesa* (Pereira, 2015). A comparação entre os estudos de âmbito nacional e os homólogos locais permite compreender melhor o futebol português, principalmente para inferir os diferentes ritmos de desenvolvimento da modalidade no país. Quanto à imprensa, a obra *História da Imprensa Desportiva em Portugal* (Pinheiro, 2011) traça o panorama dos jornais portugueses, inclusive no tempo da Grande Guerra, por isso possibilita a compreensão do meio jornalístico desportivo português nessa fase.

Para este artigo recorri a duas fontes hemerográficas, *O Sport de Lisboa* e *Os Sports*, sendo que o primeiro engloba os anos da guerra e o segundo trata do pós-guerra. Apesar de para este período existirem muitas publicações periódicas, a grande maioria teve duração efémera e pouco peso na imprensa desportiva. Assim, optei por levantar os anos de 1914 a 1918 do periódico *O Sport de Lisboa* porque é o jornal desportivo mais importante daquela época e com maior continuidade temporal (Pinheiro, 2011: 108). A rede de correspondentes de *O Sport de Lisboa* permite ter uma visão dos acontecimentos futebolísticos local, regional, nacional e, inclusive, internacional. *O Sport de Lisboa* é uma fonte de informação bastante rica que permite conhecer diversas temáticas: o

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

calendário e resultados dos jogos; a fundação e os órgãos sociais dos clubes; crónicas sobre o futebol, o desporto em geral e a raça; notícias do futebol internacional e da participação dos desportistas na Grande Guerra. O levantamento e análise dos primeiros anos do periódico *Os Sports* permitiu-me compreender os efeitos da Grande Guerra no futebol e a adaptação deste desporto na fase posterior ao conflito.

Os objetivos deste artigo consistem na compreensão do impacto da partida dos futebolistas dos clubes portugueses para a Grande Guerra; na análise do desenvolvimento do futebol português, ao nível institucional e jornalístico, e ao papel dos jogos de solidariedade no reforço da ligação entre associados, adeptos e clubes.

1. A eclosão da guerra e o recrutamento dos jogadores de futebol

Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, em julho de 1914, o futebol praticava-se já em muitos países. Inicialmente, desde meados do século XIX, foi um desporto britânico, embora se tenha expandido, rapidamente, pelo globo. Para essa expansão contribuíram, de modo significativo, a influência das comunidades britânicas espalhadas pelos vários continentes, bem como a hegemonia do Reino Unido na esfera política, económica, militar e cultural.

Apesar do berço elitista do futebol, este desporto não tardou a democratizar-se. Ainda no século XIX, em Inglaterra, a modalidade entrou em diversos setores como, por exemplo, nos quartéis, na marinha, no comércio e na indústria. O número crescente de praticantes comutou o futebol num desporto cada vez mais popular. No que respeita ao Exército e à Marinha, conhecem-se vários clubes de futebol naquela época compostos por militares destes dois ramos das Forças Armadas. Por exemplo, em Inglaterra uma das primeiras equipas militares foi o *The Royal Engineers* (Wilson, 2008: 23). Essa ligação entre desporto e forças armadas tinha na base os ideais de aperfeiçoamento da raça e servia as campanhas de expansão coloniais levadas a cabo pelas potências da época. Em Portugal, no período republicano, também sabemos da existência de equipas e de competições militares. Por exemplo, mesmo no pós-guerra, uma notícia do jornal *Os Sports* relata duas formações militares em contenda futebolística, prova de que os efeitos nefastos da guerra não quebraram a conexão entre as forças armadas e o futebol: “Nos dias 13 e 14 do corrente mês, fez dois jogos no Porto a equipa militar representativa de

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

Lisboa. No primeiro encontro com o FC do Porto, perdeu por 4 golos contra 2 e no segundo desafio com a equipa militar representativa do Porto, empatou por 2 golos a 2” (*Os Sports*, nº 294, 21.05.1922). Francisco Pinheiro e João Nuno Coelho também descrevem a existência de encontros militares entre as seleções regionais e nacionais de Portugal e de Espanha. Uma notícia do jornal *O Sport de Lisboa* revela a participação de equipas do Exército e da Marinha numa competição de futebol:

Apuram-se amanhã os campeões do torneio militar, promovido pelos Recreios da Amadora, sob a regulamentação da AFL, e com a colaboração do Sport Lisboa e Benfica que cedeu o seu campo para a realização das eliminatórias e das meias-finais. São dignos de elogio os organizadores do torneio que tiveram o condão de movimentar homens de desporto do nosso Exército e da Marinha. (*O Sport de Lisboa*, nº 147, 17.06.1916)

Como corroboram os exemplos anteriores, o futebolista, por diversas vezes, também conciliava essa atividade desportiva com o serviço militar. Em Portugal, mas também noutros países, a condição física exigida para a prática do futebol servia, de igual modo, os interesses dos exércitos.

A massificação do futebol elevou-o à categoria de um dos desportos mais praticados tanto no estrangeiro como em Portugal. Assim, quando eclodiu a Grande Guerra, um vasto número de futebolistas foi recrutado e muitos, inclusive, voluntariaram-se para servirem na linha da frente do conflito. Quais os motivos para os futebolistas e o futebol estarem tão representados nas trincheiras da Grande Guerra? Em primeiro lugar, o futebol é um desporto que pode ser praticado, praticamente, em qualquer lugar. Por exemplo, a obra *História do Futebol Português* aponta que no período republicano, em Portugal, se jogava futebol nas ruas, nos largos e nos bairros (Serrado; Serra, 2010: 126). As escassas necessidades materiais para a prática do jogo (duas balizas ou objetos que permitam substituir essas balizas e uma bola são basicamente os requisitos materiais para se praticar a modalidade) e a simplicidade das regras permitiram a democratização e a massificação deste desporto. Deste modo, quer as elites económicas quer as franjas sociais com poucos recursos podiam jogar a modalidade, uma vez que esta não exigia custos avultados em equipamentos. Aquando do recrutamento e do alistamento militar, numerosos indivíduos praticavam ou assistiam a jogos de futebol, uma vez que a

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

modalidade estava num processo crescente de democratização e massificação. O segundo ponto que queremos destacar abarca as características deste desporto. Os militares consideravam o futebol como uma modalidade importante para a formação do soldado, sobretudo, porque era coletivo, aprimorava a condição física geral dos praticantes (o jogador tem de executar diversos movimentos - corrida, salto, remate - e de possuir qualidades físicas e mentais específicas - resistência, tenacidade, inteligência, coordenação táctica e motora, etc.) e privilegiava o respeito pela hierarquia (treinador, capitão, etc.). Outro motivo foi a prevalência de um nacionalismo exacerbado, responsável pelo agravamento das relações diplomáticas entre os países, que cativava largas franjas da população. Os futebolistas não foram imunes às ideias nacionalistas como prova o voluntarismo para a guerra dos jogadores britânicos que representavam os clubes portugueses. Por último, destacamos que os Estados aproveitaram a condição física mais desenvolvida dos futebolistas, principalmente quando comparada aos restantes cidadãos que não praticavam desporto regularmente, para garantirem a incorporação de indivíduos bem preparados para a dureza dos combates na frente. Alguns cronistas e militares portugueses publicaram artigos na imprensa desportiva cujo conteúdo se baseava, regra geral, na defesa da prática do futebol no Exército e na Marinha. O jornalista Álvaro Lacerda escreveu o seguinte:

O futebol é um exercício adequado ao militar. Tendo por base a carreira, tem todas as vantagens dos exercícios para os membros locomotores, aumentando-lhe a capacidade torácica e criando-lhe peito. Isto permite-lhe ingerir um maior volume de ar. O jogo, nas suas diversas fases, dá-lhe decisão, energia, sangue-frio, educa-lhe a vontade, disciplina-lhe os nervos, habituando-o a obedecer e, mais do que isso, a mandar. Dá-lhe o espírito de solidariedade, fá-lo amar o seu regimento e a sua bandeira. (*O Sport de Lisboa*, nº105, 28.08.1915)

Fruto da mobilização de numerosos futebolistas, as notícias do falecimento de jogadores não tardaram a chegar aos antigos clubes. Do lado francês, o guarda-redes Elie Carpentier, famoso no seu país, perdeu a vida durante uma operação de reconhecimento do terreno (*O Sport de Lisboa*, nº 91, 22.05.1915). Outro futebolista francês famoso, desta vez avançado do *FC Roubaix*, morreu na frente ocidental: “Morreu na guerra André François, que foi há anos, um dos mais famosos internacionais franceses de futebol associação [...] ganhou o campeonato de França, em 1902, 1903, 1904 e 1908” (*O Sport*

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

de Lisboa, nº 92, 29.05.1915). Ainda no lado da Entente, os futebolistas britânicos mortos em combate foram numerosos. Por exemplo, Brian Brooker, jogador da defesa, perdeu a vida nos combates: “Foi morto, próximo de Ypres, um dos grandes jogadores de futebol da Inglaterra, Brian Brooker, o antigo defesa amador que jogou em 1909 na equipa representativa de Inglaterra contra a França” (*O Sport de Lisboa*, nº 92, 29.05.1915). Na mesma notícia consta que só da região do Lancashire (noroeste de Inglaterra) estavam alistados 4.758 futebolistas e 48 árbitros nas forças armadas britânicas (*O Sport de Lisboa*, nº 92, 29.05.1915). Segundo Niall Ferguson, 557.618 escoceses combateram na Grande Guerra (Ferguson, Niall, 2018: 19). Muitos elementos do contingente escocês jogavam nos clubes do norte de Inglaterra. No exército italiano, aquele que viria a tornar-se um dos melhores selecionadores daquele país, Pozzo, nunca esqueceu o futebol durante o tempo de serviço militar. A sua experiência como oficial do exército italiano marcou, substancialmente, as ideias futebolísticas de Pozzo nos anos seguintes (Wilson, 2008: 83). Os dados referidos anteriormente corroboram que os futebolistas estiveram presentes, em números significativos, na frente de batalha.

Da parte dos jogadores que atuavam no futebol português, os britânicos foram dos primeiros a voluntariarem-se para os contingentes militares. Mais tarde, seguir-se-iam os portugueses. Futebolistas de qualidade como Cecil Wright, Morgan, Reginald Pye e Robert Reid deixaram os respetivos clubes (no caso de Morgan, Pye e Reid o Boavista Futebol Clube e Wright do Futebol Clube do Porto) com o intuito de integrarem os batalhões britânicos (Pereira, 2015: 67). Na imprensa desportiva portuguesa, alguns artigos lamentavam a perda desses talentos como corrobora a seguinte notícia: “Wright, o conhecido guarda-redes do Futebol Clube do Porto, partiu para Inglaterra, a cumprir o seu dever militar. Que volte breve e inteiro, isto é o que sinceramente lhe desejámos” (*O Sport de Lisboa*, nº 158, 02.09.1916). No caso de Reid e Morgan, ambos perderam a vida nos Dardanelos. Os funerais, principalmente o de Reid, contaram com a presença de muitas pessoas, tanto adeptos de futebol como outros desportistas (Pereira, 2015: 67). Após março de 1916, quando Portugal entrou em guerra com a Alemanha, alguns futebolistas integraram as fileiras do Corpo Expedicionário Português. Os mais célebres foram Armando Cardoso (Boavista Futebol Clube), Floriano (Futebol Clube do Porto), Herculano Santos (Sport Lisboa e Benfica) e Vidal Pinheiro (Futebol Clube do Porto)

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

(Pereira, Ricardo, 2014: 246). Se jogadores como Floriano e Herculano retornaram praticamente incólumes, em termos físicos, da Grande Guerra, já outros, nomeadamente Vidal Pinheiro e Raimundo, morreram na Flandres (Serrado; Serra, 2010: 115). A reação às mortes dos futebolistas indicia que o futebol já possuía um papel social relevante.

Contudo, não devemos restringir a análise sobre a participação dos futebolistas no conflito às questões de sobrevivência ou morte. Ao invés, importa compreender o impacto destes homens nos respetivos regimentos e na própria guerra. Como já referimos anteriormente, no período da Grande Guerra o futebol fazia parte do quotidiano, basicamente dos momentos de lazer de numerosos indivíduos, embora o ritmo de expansão e desenvolvimento da modalidade fosse díspar de país para país. Além do famoso desafio amigável de Natal, entre jogadores do exército britânico contra os congéneres alemães, o futebol esteve presente, em múltiplas ocasiões, tanto nas mentes como nas atividades dos militares nos tempos de pausa do conflito. Em 1916, na batalha do Somme, uma ofensiva britânica foi iniciada com recurso a um objeto curioso:

Aquando do último avanço inglês no Somme, houve um oficial que, no momento de sair da trincheira, lançou uma bola de futebol aos soldados [...] De facto, a bola chegou à trincheira inimiga e até a passou, levada com indizível entusiasmo pelos voluntários ingleses. O capitão, porém, ficou no caminho. Não assistiu, já ao fim do desafio. Ele que tinha dado o pontapé de saída. Essa bola é hoje um troféu de honra no regimento a que pertencia aquela companhia de futebolistas e, largo tempo, decerto, a história falará dela... (*O Sport de Lisboa*, nº 158, 02.09.1916)

Outra notícia refere o envio de material desportivo para a frente de batalha: “Em França, há uma associação que se encarrega de fornecer aos soldados bolas de futebol que os clubes põem de parte, mas que servem maravilhosamente aqueles que se iniciam” (*O Sport de Lisboa*, nº 91, 22.05.1915). Além destes dois episódios, sabemos que o futebol estava presente na vida dos militares. Na frente de batalha, em 1917, houve um jogo entre uma equipa de militares portugueses e outra composta pelos congéneres britânicos: “Nos últimos dias de maio, realizou-se o primeiro desafio de futebol entre grupos portugueses e ingleses, ganhando os últimos por 2 a 0. Serviu de juiz de campo o nosso antigo colaborador fotográfico, agora no campo da batalha, Arnaldo Garcês Rodrigues (*O Sport de Lisboa*, nº 202, 07.07.1917). O jornal ainda acrescenta: “Em 1 do mês findo realizou-

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

se a desforra, ganhando o grupo português por 3 a 0” (*O Sport de Lisboa*, nº 202, 07.07.1917). Em Angola e São Tomé e Príncipe, à época territórios coloniais portugueses, também decorreram jogos de futebol entre português e britânicos, os últimos ligados às atividades bélicas (*O Sport de Lisboa*, nº 118, 04.12.1915). Nesta temática podemos inferir que a manutenção dos hábitos de lazer anteriores à eclosão da guerra, onde se inclui o futebol, contribuiu, de certo modo, para aliviar, mesmo que momentaneamente, tanto as saudades da vida civil como a violência do conflito. A participação de futebolistas de qualidade - por exemplo, o caso de José Ribeiro da Costa, conhecido atleta do Sport Lisboa e Benfica - no teatro de guerra africano contribuiu para abrilhantar esses desafios (Serrado; Serra, 2010: 115). Mesmo longe do país, os futebolistas não esqueciam os seus clubes como corrobora a seguinte carta:

Há dois meses que me encontro no hospital de onde envio ao Grupo Cruz Quebrada, sinceras felicitações pelo seu aniversário e faço votos pela sua prosperidade. Já escrevi a alguns membros do Clube, a quem conhecia a direção, mas não obtive resposta [...] Como sabes sou um antigo sócio e seria para mim um grande desprazer perder o número três que tenho na lista. Ou a Direção guardará as minhas quotas que eu pagarei ou algum camarada e amigo pode fazer o favor de mas pagar e eu reembolsarei quando voltar à Pátria. É verdade que nas circunstâncias em que me encontro, será muito fácil e provável deixar aqui os ossos, mas nesse caso estou certo de que nenhum dos consócios me amaldiçoará por o calote que pego. Peço-te que me escrevas uma longa carta, dando-me notícias de todos os amigos e das vitórias do Clube, que teve o seu segundo grupo suspenso. Junto uma fotografia que tirei há dias no hospital, no meio de bravos *poilus*, e que ofereço ao Cruz Quebrada, a quem farás o favor de a entregar (*O Sport de Lisboa*, nº 127, 29.01.1916)

Muitos relatos que temos sobre os exércitos da Entente demonstram que o futebol esteve presente nas trincheiras da Grande Guerra. No meio da dureza e da catástrofe, o futebol constituiu uma catarse ou “breve alienação” dos problemas do mundo, pois permitiu que vários homens mergulhados numa guerra sangrenta pudessem, mesmo que por instantes, recordar a vida pré-conflito ou usufruir da liberdade, da paixão e da alegria que tão bem caracteriza este desporto.

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

2. O futebol português na conjuntura da Grande Guerra

Nas vésperas da Grande Guerra, o futebol português contava com três associações - Lisboa (1910), Portalegre (1911) e Porto (1912/1913) -, com a recém-criada União Portuguesa de Futebol (1914) e a realização dos desafios Porto-Lisboa¹. No que respeita às competições regulares, a mais antiga era o Campeonato Regional da Associação de Futebol de Lisboa (AFL) e a mais recente a prova da Associação de Futebol do Porto (AFP). Logo em 1910, a AFL deu início ao seu campeonato enquanto a AFP apenas criou o Campeonato Regional do Porto na época de 1913-1914 (Coelho; Pinheiro, 2002: 150-151). No entanto, importa não esquecer as competições que se realizavam em Portalegre, cujo impulso se deveu à comunidade britânica presente na região e à deslocação de jogadores da capital, nomeadamente do antigo atleta do Sport Lisboa e Benfica, Leopoldo Mocho (Serrado; Serra, 2010: 106). Em suma, os quatro anos iniciais da I República foram concomitantes com o surgimento de três associações de futebol, dos primeiros campeonatos organizados com regularidade, da criação da União Portuguesa de Futebol (UPF)², dos desafios inter-regionais Porto-Lisboa e dos jogos internacionais. Com a eclosão da Grande Guerra, o futebol manteve este ritmo de desenvolvimento?

Nos anos do conflito bélico, a única instituição futebolística fundada em território português foi a Associação de Futebol do Funchal, em 1916, embora não tardasse a ter os trabalhos interrompidos devido a diferendos entre os seus associados. Mais tarde, no pós-guerra, retomou a atividade. A UPF, inicialmente com objetivos ambiciosos (por exemplo, instituir o campeonato de Portugal e criar a seleção portuguesa), apenas concretizou essas ideias na década de 20, em grande parte, devido aos obstáculos colocados pela guerra. A escassez de bens (inflação dos preços), a desorganização dos clubes devido às saídas das suas principais figuras, a instabilidade que caracterizava a política interna e a diminuição acentuada dos contactos desportivos internacionais estagnaram os projetos ambiciosos da UPF.

¹ Os desafios Porto-Lisboa, criados em 1914, consistiam em jogos entre a seleção da AFP e a seleção da AFL.

² A UPF, fundada em 31 de março de 1914, tinha como objetivos promover o futebol português, nomeadamente através da criação de um Campeonato Nacional e da organização da primeira seleção portuguesa.

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

Ao nível da competitividade interna do futebol português, a continuidade dos desafios Porto-Lisboa permitiu aos jogadores portuenses aferirem o seu valor com os congéneres da capital. Nesta fase, a totalidade dos jogos saldaram-se pela vitória da seleção lisboeta, prova de que o futebol portuense ainda tinha de evoluir para ombrear com os rivais do sul. Numa época em que os jogos internacionais diminuíram e se limitaram, regra geral, a desafios com equipas da vizinha Espanha e com marinheiros das embarcações estrangeiras ancoradas temporariamente nos portos nacionais (Pereira, Ricardo: 2015), não era a altura mais propícia para a criação de uma seleção nacional. Inclusive, algumas vezes, as condicionantes político-diplomáticas não permitiram a livre-circulação das equipas estrangeiras. A notícia seguinte relata um desses casos: “Estava marcada para domingo último a visita a esta cidade do magnífico grupo espanhol do Vigo Futebol Club, que a convite do Futebol Clube do Porto vinha realizar um desafio. À última hora foi recebido um telegrama dizendo ser impossível a saída dos jogadores por dificuldades consulares” (*O Sport de Lisboa*, nº 177, 13.01.1917). Finda a Grande Guerra, os jogos internacionais retomaram e até superaram o impulso anterior³. Após o Tratado de Versalhes (1919), novas nações surgiram no mapa europeu, por isso não se estranha que o futebol português procurasse estabelecer contactos com esses países, nomeadamente a Checoslováquia. O novo mapa traduzia-se em mais adversários internacionais para as seleções. O ano de 1921 foi marcado pela estreia da seleção nacional contra a rival Espanha. O Tratado de Versalhes não fez decrescer o nacionalismo exacerbado, aliás pelo contrário. Logo em 1922, Mussolini chega ao poder na Itália, com um projeto fascista, e um ano depois foi a vez de Primo de Rivera impor um governo de matriz autoritária em Espanha. O nacionalismo agressivo insistia em perdurar nos países europeus, por isso o futebol internacional tornou-se, em parte, num instrumento simbólico para a afirmação das nações. Não por acaso, os jogos internacionais levavam aos recintos desportivos cada vez mais público. As palavras de um espetador aquando do jogo da seleção portuguesa contra a formação espanhola elucidam o espírito nacionalista em torno destes desafios: “Lembrem-se de Nun’Álvares!” (Serra, Pedro; Serrado, Ricardo: 2011: 134).

³ No pós-guerra, os clubes nacionais defrontaram adversários alemães, austríacos, brasileiros, checos, espanhóis, franceses, húngaros, ingleses, suecos e uruguaios.

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

De retorno ao tempo da Grande Guerra, houve episódios de desorganização e de conflitualidade que envolveram as associações, os clubes e a imprensa. A partida de jogadores de qualidade enfraqueceu as equipas portuguesas e deu azo a resultados surpreendentes. Em 1918, o Sport Porto e Salgueiros venceu o campeonato regional, deste modo intrometendo-se na luta pelo título que outrora pertencia ao Boavista Futebol Clube e ao Futebol Clube do Porto (Coelho; Pinheiro, 2002: 168-169). Por exemplo, uma notícia refere as causas para o maior insucesso do Boavista Futebol Clube nas provas regionais: “Veio a guerra, foram-se-lhe os estrangeiros embora e a sua inscrição no campeonato de 1915-1916 ficou sem efeito, por factos que agora se torna desnecessário lembrar” (*O Sport de Lisboa*, nº 176, 06.01.1917). Ainda na cidade Invicta, o Futebol Clube do Porto teve a mesma contrariedade: “O FCP também se viu privado de bons elementos como Janson, Alwood, Legg, etc.” (*O Sport de Lisboa*, nº 176, 06.01.1917). Mais a sul, em Lisboa, a partida de muitos atletas para a frente de batalha provocou a desorganização das equipas, sendo que, por exemplo, o Clube Internacional de Futebol (CIF) foi obrigado a desistir da prova devido à incapacidade de garantir um onze competitivo para o campeonato da AFL: “Previmos, num dos últimos números do nosso semanário, a desistência do Internacional, logo que soubemos da falta ao desafio com o Sporting [...] menos se compreende que só depois do primeiro desafio se soubesse que alguns dos jogadores estavam mobilizados ou de malas feitas (*O Sport de Lisboa*, nº 175, 30.12.1916). O Sport Lisboa e Benfica perdeu elementos importantes, entre os quais Manuel Gomes Cal e José António Dias (Serrado; Serra, 2010: 115). Esta situação não foi exclusiva de Portugal, pois, como descreve uma notícia do periódico *O Sport de Lisboa*, em Inglaterra também se verificou uma diminuição drástica da qualidade dos futebolistas devido à incorporação de muitos jogadores nos contingentes militares:

Em Inglaterra, como em toda a parte da Europa, se tem sentido a influência da guerra europeia no desporto. Principalmente, no futebol essa influência se tem acentuado duma maneira sem precedentes. Os clubes que nos anos anteriores se classificaram nos primeiros lugares têm este ano sido batidos por clubes que nos anos anteriores batiam com relativa facilidade. (*O Sport de Lisboa*, nº 78, 13.02.1915)

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

Em Itália, o campeonato de futebol também foi suspenso, durante a Grande Guerra, por condicionantes idênticas àquelas que interromperam as provas em Inglaterra:

Faltavam jogar dois jogos para terminar o campeonato de Itália. Esses desafios deveriam realizar-se no dia 23 de maio, entre o Internacional de Milão e entre o Turim e o Génova, em Génova. Sobreveio, porém, a declaração de guerra da Itália à Áustria. Mobilização geral, tornando impossível a constituição a sério de equipas, sobretudo visto tratar-se de finais. Em virtude desta situação imprevista, o comité da Federação Italiana resolveu adiar os dois jogos e suspender o campeonato. (*O Sport de Lisboa*, nº 93, 05.06.1915)

Na Alemanha, além da mobilização dos jogadores de futebol houve outro problema resultante das necessidades do conflito: “As dificuldades com que a Alemanha passa para poder alimentar os seus habitantes levou o governo a requisitar aos clubes a maioria dos campos de futebol para serem semeadas batatas!” (*O Sport de Lisboa*, nº 86, 10.04.1915). A conversão dos campos de futebol em terreno agrícola demonstra as carências alimentares do Império Alemão naquela fase mas também a impossibilidade de garantir a regularidade dos campeonatos, uma vez que os clubes nem sequer tinham terreno de jogo, em muitos casos. Por toda a Europa, os efeitos nefastos da Grande Guerra revelaram-se obstáculos importantes para a evolução do futebol. Para agravar a situação, aos problemas de carência provocados pela guerra somaram-se as querelas institucionais.

Em Portugal, os anos do conflito bélico foram pródigos no surgimento de desavenças entre os maiores clubes de Lisboa e do Porto e as respetivas associações de futebol. Na capital, a desistência do CIF, as discussões entre a Direção do Sporting Clube de Portugal (e de outros clubes) com os dirigentes da AFL são somente exemplos do clima conflituoso que se vivia no desporto português. A estes casos juntavam-se outros, nomeadamente a norte. O desequilíbrio de forças entre as equipas com a partida de numerosos futebolistas e o descrédito crescente das associações tinham como causa a guerra mas também o ambiente hostil que se vivia no futebol português, oriundo dos anos anteriores ao início da Primeira Guerra Mundial. A qualidade das seleções regionais diminuía como exemplifica o afastamento de Francisco Stromp e Jorge Vieira da equipa da AFL (Serrado; Serra, 2010: 117). Em 1916, os responsáveis do Sporting Clube de Portugal justificavam o atraso na preparação física e tática da equipa principal com a suspensão ocorrida na época precedente (*O Sport de Lisboa*, nº 142, 13.05.1916). A norte,

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

na cidade Invicta, o Futebol Clube do Porto também foi suspenso pela AFP. Em causa, as acusações dos portistas dirigidas aos dirigentes da AFP fundamentadas com alegadas infrações do regulamento das provas por outras coletividades (Coelho; Pinheiro, 2002: 169). Em 1915, na imprensa, um cronista desportivo vociferava contra as lutas constantes que envolviam clubes e associações:

A questão das rivalidades entre clubes e a luta entre federações, umas dirigentes e outras que pretendem ser dirigentes de desporto, passou nos últimos anos, do campo desportivo e entrou pelo campo pessoal. Deixou de haver ideias para haver ódios. Deixou de se auxiliar o desporto para se prejudicar a sua marcha. Tratou-se apenas de agradar aos partidários e agredir os contrários. Fizeram-se partidos. (*O Sport de Lisboa*, nº 75, 23.01.1915)

Na obra *A Paixão do Povo* (Coelho; Pinheiro, 2002), os autores destacam diversos episódios de desorganização do futebol português nesta fase. Além das situações descritas anteriormente, a própria imprensa desportiva também acicatou as polémicas da época (Pinheiro, 2011). Os jornalistas apontavam a falta de competência dos dirigentes portugueses como um dos principais males do nosso futebol. De seguida, a culpa recaía nas equipas de arbitragem, alvo da fúria dos espetadores mas também das crónicas jornalísticas. A imprensa desportiva não hesitou na denúncia das irregularidades: inscrição de clubes sem campo de futebol adequado ou permitido pelos regulamentos, utilização de jogadores mais velhos nas categorias inferiores e o absentismo dos juizes de campo, o que levava à realização de desafios com indivíduos escolhidos no seio do público (Serrado; Serra, 2010: 118). Além disso, condenava a desorganização dos campeonatos escolares, perçecionados pela imprensa como provas de suma importância quer para o futuro do futebol nacional quer do país (segundo alguns pedagogos e cronistas, o futebol ajudava a formar o carácter e a fisiologia dos mais jovens, de modo a estes contribuírem para a regeneração da nação), nomeadamente em Lisboa, pois a competição apenas contou com três equipas escolares em determinadas épocas (Serrado; Serra, 2010: 116). Se a comparência dos futebolistas aos treinos foi reduzida e problemática durante o período da I República, nesta fase da Grande Guerra a situação agravou-se, sobretudo, devido à partida de jogadores para a frente de batalha. A imprensa

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

desportiva não permitiu que a falta de treino e os métodos arcaicos das equipas portuguesas desaparecessem da ordem do dia (Coelho; Pinheiro, 2002: 165).

Outro dos males do futebol português, tantas vezes sancionado pela imprensa, foi a violência nos campos. Os episódios violentos - agressões aos juízes de campo, jogadores e adeptos - já existiam antes de 1914 e continuaram nos anos subseqüentes. A par da agressividade vigente no mundo futebolístico também o país, no plano político-social, vivia tempos de grande instabilidade. Por exemplo, Rui Ramos destaca, apenas nos anos de 1917 e 1918, a chamada Revolução Decebrista, que levou Sidónio Pais ao poder, as greves violentas e os efeitos da epidemia de gripe, responsável pela morte de muitos de milhares de portugueses num curto período (Ramos, 1996: 521). Nesta fase, a imprensa desportiva portuguesa não hesitava em denunciar irregularidades nos jogos de futebol. Veja-se o exemplo que aconteceu na cidade Invicta, em 1918, onde um atleta expulso reentrou em campo, mais tarde na partida, com a complacência da equipa de arbitragem (Coelho; Pinheiro, 2002: 169). De referir que a imprensa da época aponta episódios concomitantes por todo o país. Em determinadas situações, as forças policiais revelaram-se insuficientes para conterem a multidão e evitarem agressões aos intervenientes do jogo (Pereira, 2015: 73). O clima de hostilidade perante os intervenientes de jogo era concomitante com a insegurança e instabilidade que se vivia na política do país.

Todavia, mesmo no tempo do conflito mundial, houve tentativas de impulsionar o futebol português. De 1916 a 1918, criaram-se novas publicações periódicas desportivas inclusive em regiões afastadas dos polos de Lisboa e do Porto como, por exemplo, Angra do Heroísmo e Póvoa de Varzim (Coelho; Pinheiro, 2010: 78). Na cidade Invicta, a fundação da revista quinzenal *Os Sports*, com direção de Carlos Lello, que tratava os temas desportivos e tinha uma rede de correspondentes em várias regiões do país, nas colónias e no estrangeiro (Pinheiro, 2011: 110). Ainda na cidade Invicta, no mês de abril de 1918, surgiu o *Porto Sportivo*, publicação cujo intuito consistia na divulgação do desporto portuense e, principalmente, das notícias do Futebol Clube do Porto, a maior coletividade desportiva da urbe (Pinheiro, 2010: 111). A escassez de papel, a inflação e os elevados custos de produção provocados pela Grande Guerra não impediram o aparecimento de novos periódicos desportivos, facto que demonstra, por um lado, o interesse da população portuguesa pelo futebol mesmo em tempos de conflito e, por outro,

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

a tenacidade do meio futebolístico em resistir às dificuldades que aumentavam de dia para dia (Pinheiro, 2010: 103). No entanto, a maioria das publicações periódicas que surgiram durante a Grande Guerra tiveram duração efémera. O líder do panorama jornalístico desportivo português era o jornal *O Sport de Lisboa*. Além dos jornais, a Taça de Honra, organizada pela AFL em 1915, foi instituída na capital, organizando-se uma prova semelhante no Porto (Dias, 2004: 108). No Funchal, a associação de futebol local fez disputar um campeonato regional, embora com participação de um número reduzido de equipas. Também em Faro decorreu uma prova regional de futebol (Coelho; Pinheiro, 2002: 156). Embora existam sinais positivos no que respeita ao crescimento do futebol em determinados locais, regra geral, esta época caracterizou-se pela estagnação da modalidade no país, principalmente, na expansão pelo território que se verificou após 1918. Após o término do conflito, surgiu a Seleção Nacional (1921), o Campeonato de Portugal (1922) e o futebol conseguiu abarcar quase todo o território nacional⁴.

3. O “outro lado do futebol” em tempo de guerra: os jogos de solidariedade

Se a Grande Guerra colocou bastantes entraves ao desenvolvimento do futebol, por outro lado a modalidade também se adaptou à conjuntura bélica. A par da desorganização dos campeonatos, dos episódios de violência exacerbada e da partida de muitos futebolistas para a frente de batalha, verificou-se uma adaptação do futebol ao contexto de guerra, nomeadamente através da realização dos jogos de solidariedade.

Durante a Grande Guerra, os clubes de futebol não se olvidaram das responsabilidades sociais, principalmente perante os seus associados, pois desenvolveram formas de atenuar os efeitos nefastos do conflito. Assim, realizaram-se vários jogos de solidariedade, a favor das vítimas. No Porto, um conjunto de jornalistas organizou uma partida de futebol para angariar fundos destinados a causas solidárias: “O produto das entradas destina-se: metade para os feridos de guerra; a outra metade será distribuída proporcionalmente pelos jornais onde os citados jornalistas colaboram, a fim de estes distribuírem pelos pobres” (*O Sport de Lisboa*, nº 181, 10.02.1917). Além da imprensa portuense, os antigos jogadores de futebol, apelidados de “veteranos”, também

⁴ De 1919 a 1926, em Portugal, surgiram doze associações de futebol. Antes da guerra existiam três: Associação de Futebol de Lisboa, Associação de Futebol de Portalegre e Associação de Futebol do Porto.

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

contribuíram no apoio às vítimas do conflito. Nesse âmbito, muitos veteranos voltaram aos campos para os desafios de solidariedade. *O Sport de Lisboa* relata um desses jogos: “Realizou-se, com efeito, no passado domingo, o desafio entre um grupo de veteranos e o grupo misto do Futebol Clube do Porto. Foi uma luta muito interessante e que esteve muito animada, não obstante a tarde se ter apresentado agreste e de maneira a afastar grande parte do público” (*O Sport de Lisboa*, nº 196, 26.05.1917). Por norma, estes desafios solidários atraíam bastante público aos recintos de jogo. Contudo, quais os motivos para as grandes assistências nos jogos de solidariedade? Começo por destacar o papel da imprensa desportiva, pois os anúncios e a cobertura jornalística destes desafios, certamente, contribuíram para a adesão do público. Os jornais nomeavam as elites políticas (autarcas, ministros, cônsules, etc.) e militares que presenciavam os desafios solidários, prova indelével da importância social e simbólica dos jogos de solidariedade. Em segundo lugar, o interesse que o retorno dos jogadores aposentados, antigos ídolos do público, suscitava nos adeptos. Por último, o objetivo solidário que granjeava quantias para apoiar os feridos da guerra, as vítimas da epidemia de gripe e a população com poucos recursos.

Neste capítulo da solidariedade, as mulheres também se revelaram fundamentais na promoção de atividades de beneficência nos campos de futebol. A Cruzada das Mulheres Portuguesas, destinada a apoiar as vítimas da guerra, teve um papel importante na entrega de dinheiro aos militares feridos. Por exemplo, no sul, um conjunto de desafios teve a receita de bilheteira a reverter para causas solidárias: “Realizam-se amanhã, no campo de Alcântara, dois interessantes desafios, revertendo o produto das entradas a favor da Cruzada das Mulheres Portuguesas” (*O Sport de Lisboa*, nº 143, 20.05.1916). Mais a norte, no Porto, a Venda da Flôr partiu da iniciativa de diversas mulheres: “Tratava-se de um desafio cuja receita era destinada aos portugueses feridos na guerra e da visita ao campo das senhoras portuenses que entre a assistência iam promover a venda da Flor” (*O Sport de Lisboa*, nº 193, 05.05.1917). Esse desafio teve, inclusive, a participação da comunidade estrangeira residente naquela urbe: “Com uma concorrência muito numerosa e muito distinta, realizou-se no domingo passado o desafio entre um grupo misto do Futebol Clube do Porto e um grupo estrangeiro, constituídos por jogadores da velha guarda, na sua maior parte afastados das lutas do futebol” (*O Sport de Lisboa*, nº 193,

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

05.05.1917). No entanto, o papel das mulheres no futebol não se restringiu aos encontros solidários. Elas também tiveram ação direta na sobrevivência de algumas coletividades desportivas. Por exemplo, Hélder Pacheco salienta o papel de D. Ana Eugénio, mãe do futebolista e militar Neves Eugénio, na sobrevivência do Académico Futebol Clube, sobretudo, quando o filho se ausentou devido aos compromissos militares (Pacheco, 2011: 73). Ao nível institucional, criaram-se novas competições, nomeadamente a “Taça Mutilados de Guerra”, para recordar aos portugueses o sacrifício realizado pelos conterrâneos nos campos de batalha, e a Taça de Honra da AFL (Coelho; Pinheiro, 2002: 171). A instauração das novas provas corrobora que, apesar da instabilidade política e das dificuldades económicas causadas pela Grande Guerra, a AFL ainda tinha capacidade para dar passos no sentido do desenvolvimento do futebol. De realçar que a solidariedade do futebol para com os soldados retornados da frente de batalha foi mais importante e visível do que as ações promovidas pelo Governo nesta matéria (Correia, 2010: 353). Segundo a obra *Surrogate Narratives: Portugal 1914-1918* (Sousa, 2015), o poder político procurou controlar (censurar) as narrativas da guerra que chegavam ao país, por isso fotografias e relatos de soldados portugueses mutilados não se coadunavam com a visão patriótica e de exaltação do esforço português na guerra, além de que poderia despoletar dúvidas junto da opinião pública em relação ao custo/benefício da participação nas frentes de batalha.

Quanto aos clubes, os seus esforços solidários direcionaram-se para as populações mais afetadas pela guerra, fosse direta (feridos) ou indireta (pobreza resultante da inflação, dos desequilíbrios na distribuição de rendimento, acesso aos bens elementares como alimentos e energia). Nas vésperas de Natal de 1916, o Sport Lisboa e Benfica distribuiu ofertas pelas crianças do bairro: “Consta esta festa do seguinte: de dia, distribuição de brinquedos da árvore do Natal às crianças pobres da freguesia e à noite, árvore de Natal para os filhos dos sócios, seguindo-se um baile” (*O Sport de Lisboa*, nº 174, 23.12.1916). O apoio económico disponibilizado pelos clubes quer aos associados quer às populações com poucos recursos revelou-se decisivo para reforçar a componente identitária, uma vez que essa ajuda aumentou o capital simbólico das coletividades desportivas. Por exemplo, quando o ídolo dos adeptos benfiquistas, Álvaro Gaspar, adoeceu gravemente, os seus colegas organizaram jogos de solidariedade como

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

demonstra a notícia: “O desafio organizado pelos Srs. Dr. Antunes dos Santos e Francisco Calejo, em benefício do antigo e brilhante jogador do Sport Lisboa e Benfica, Álvaro Gaspar, que há muito se acha atormentado por uma pertinaz doença, veio abrir um parêntesis bem-aventurado na série de desavenças e intrigas de que enferma o nosso meio” (*O Sport de Lisboa*, nº 89, 01.05.1915). A norte, no mesmo período, o Futebol Clube do Porto procurou ajudar um dos seus jogadores, Joaquim Reis, que vivia no limiar da pobreza (Simões, 2010: 65). Na fase final da Grande Guerra, chegavam pedidos de ajuda aos clubes nacionais, oriundos dos campos de prisioneiros alemães, efetuados por antigos jogadores, associados e adeptos (Serrado; Serra, 2010: 115). Os clubes responderam com o envio de material, maioritariamente desportivo, para os prisioneiros de guerra portugueses. Esta ligação entre os soldados aprisionados numa terra distante e os clubes portugueses corrobora a grande importância social de que o futebol já era alvo.

Os clubes de futebol contribuíram, diretamente, para as causas solidárias e reforçaram o seu papel social. Nos anos seguintes ao término do conflito, tanto as assistências aos jogos como o número de associados dos clubes cresceram, de modo significativo. Para isso, por certo, contribuíram as ações solidárias levadas a cabo entre 1914 e 1918.

Se as dificuldades provocadas pela Grande Guerra quase fizeram estagnar as competições, a expansão da modalidade e a evolução dos clubes, por outro lado os jogos solidários consolidaram a componente identitária junto dos associados e adeptos. Findo o conflito, o futebol tornou-se, cada vez mais, democratizado e massificado.

Conclusão

Os contemporâneos da Primeira Guerra Mundial apelidaram-na de Grande Guerra não só porque não existia um conflito que envolvesse todas as potências europeias há várias décadas, mas também devido à escala de morte nunca antes vista, proporcionada pelas novas armas, aperfeiçoadas pelo progresso tecnológico e industrial (Hobsbawm, 1996: 32). Quando a guerra eclodiu, numerosos futebolistas foram recrutados e voluntariaram-se para “novas equipas”, os contingentes militares. No plano interno, os clubes portugueses sentiram dificuldades para substituírem os elementos que partiram para a frente de batalha. Na imprensa desportiva da época há registos do declínio da

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

qualidade e da organização das equipas. Em 1914, o futebol era praticado por milhões de europeus, por isso não causa espanto que este desporto integrasse o quotidiano dos soldados destacados para a guerra. Os jogos entre elementos dos exércitos aliados são a prova de que o futebol ocupou os tempos livres dos soldados e ao mesmo tempo contribuiu para uma maior coesão.

No plano das competições internas, os anos de 1914 a 1918 caracterizaram-se, praticamente, pela estagnação no desenvolvimento do futebol, uma vez que projetos importantes e de grande dimensão (criação da seleção nacional, organização do Campeonato de Portugal, institucionalização da modalidade por todo o país) foram “adiados” para o pós-guerra. A par disso, a instabilidade política e as dificuldades económicas, motivadas em grande parte pelo conflito bélico, dificultaram a ação das instituições desportivas e condicionaram a internacionalização do futebol português devido aos obstáculos levantados para a realização dos jogos internacionais. Neste período, os encontros dos clubes portugueses com clubes estrangeiros limitaram-se às equipas espanholas e tripulações de barcos ancorados na costa portuguesa. Todavia, nem tudo foi negativo. Os campeonatos regionais do Porto e de Lisboa prosseguiram sem interrupções, apesar das suspensões e desistências de clubes, bem como os jogos Porto-Lisboa. Além disso, houve oportunidade para criar novas provas, nomeadamente em Lisboa, com a Taça Mutilados de Guerra e a Taça de Honra.

No tempo da Grande Guerra, o futebol desempenhou uma função solidária importante. Os jogos de solidariedade, organizados pela imprensa e pelos clubes, atraíram multidões aos recintos desportivos. A presença de elites políticas e militares na tribuna dos campos de futebol aquando dos jogos solidários corrobora o capital simbólico destes encontros. O retorno dos “veteranos”, jogadores aposentados, aos campos e a participação das mulheres na preparação dos desafios e da angariação de fundos em prol das vítimas da Grande Guerra foram fundamentais para a concretização dos objetivos dos jogos de solidariedade (adesão de um público numeroso). O apoio dos clubes aos prisioneiros de guerra portugueses, detidos em território inimigo, é mais uma prova da importância do futebol na sociedade portuguesa daquela época, uma vez que o material desportivo das coletividades chegava aos locais mais inesperados como um campo de detenção. Os

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

portugueses detidos nas prisões germânicas nunca esqueceram os seus clubes e estes não olvidaram os adeptos, independente do local.

Para futuras investigações considero importante prosseguir a investigação em torno dos jogadores de futebol presentes na frente de batalha, não apenas a ocidental, mas também a africana. De seguida, reitero a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre os efeitos da Grande Guerra no futebol português, sobretudo, fora dos grandes centros de Lisboa e Porto.

Concluindo, apesar de todos os efeitos nefastos da Grande Guerra, o futebol sobreviveu e adaptou-se à conjuntura do conflito bélico. No pós-guerra, acelerou o processo de democratização e de massificação, de tal modo, que nos anos 20 o futebol abarcava quase todo o território português. Mesmo nos momentos mais duros do conflito, o futebol nunca deixou de ser uma catarse ou alienação de um mundo em ruínas. Em tempos de guerra houve tempo para o futebol.

Bibliografia:

Fontes:

Fontes Hemerográficas:

O Sport de Lisboa. Lisboa, 1913-1934.

Os Sports: Bi-semanário de propaganda de Educação Física. Lisboa, 1919-1945.

Estudos:

BRANDÃO, Miguel (2015), *(Con) Viver com o inimigo: a atividade submarina alemã durante a primeira guerra mundial (1914-1918): interações na costa de Esposende*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco (2002), *A Paixão do Povo. História do Futebol Português*. Porto: Afrontamento.

COELHO, João Nuno; PINHEIRO, Francisco (2011), *República, Desporto e Imprensa: o desporto na I República em 100 primeiras páginas 1910-1926*. Porto: Afrontamento.

DIAS, Marina Costa (2004), *Cascais: aqui nasceu o futebol em Portugal, 1888-1928*. Cascais: Quimera.

- Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9
- DIAS, Marina Costa (2000), *História do futebol em Lisboa: de 1888 aos grandes estádios*. Lisboa: Quimera.
- DIETSCHY, Paul (2010), *Histoire du Football*. Paris: Perrin.
- FERGUNSON, Niall (2018), *O Horror da Guerra (1914-1918)*. Lisboa: Temas e Debates.
- FERRO, Marc (2002), *A Grande Guerra (1914-1918)*. Lisboa: Edições 70.
- GILBERT, Martin (2014), *A primeira guerra mundial*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- HOBBSAWM, Eric (1996), *A Era dos Extremos (1914-1991)*. Lisboa: Presença.
- OLIVEIRA, Pedro Aires de; MENESES, Filipe Ribeiro de (2011), *A primeira república portuguesa: diplomacia, guerra e império*. Lisboa: Tinta-da-China.
- PACHECO, Hélder (2011), *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense, ao serviço do desporto*. Porto: Afrontamento, 2011.
- PEREIRA, Ricardo Costa (2015), *O futebol portuense durante a República Portuguesa (1910-1926)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Dissertação de Mestrado em História Contemporânea].
- PEREIRA, Ricardo (2014), “O futebol portuense durante a Primeira Guerra Mundial”. In PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge; ALVES, Luís Alberto M.; MEIRELES, Maria Conceição (coord.) (2015), «*A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e Representações*». Porto: CITCEM, p. 243-257.
- PINHEIRO, Francisco (2011), *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Afrontamento.
- RAMOS, Rui (1993), *A Segunda Fundação*. In MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, vol. 6.
- REIS, António (dir.) (1992), *Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Publicações Alfa, vol.3.
- RITA, Fernando (2017), *Com a vida tão perdida: diário de um prisioneiro na Primeira Guerra Mundial*. Porto: Fronteira do Caos.
- ROLLO, Maria Fernanda (coord.) (2014), *Dicionário de história da I República e do republicanismo*. Lisboa: Assembleia da República.
- ROLLO, Maria Fernanda (2015), *Portugal e a Grande Guerra*. Lisboa: Assembleia da República.

Ricardo Costa Pereira - O futebol no tempo da Grande Guerra (1914-1918) - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8 nº 2. 2018. 174-196. DOI: 10.21747/0871164X/hist8_2a9

ROSAS, Fernando; ROLLO, Maria Fernanda (coord.) (2010), *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta da China.

SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (coord.) (2011), *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de abril. Uma análise social e cultural*. Lisboa: Prime Books.

SIMÕES, António (2012), *Desporto com Política nos 100 anos da República*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

SOUSA, Jorge Pedro de (2015), *Surrogate Narratives: Portugal 1914-1918: Iconographic coverage of World War I*. Porto: Media XXI.

TRAVERSO, Enzo (2009), *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Valência: Universidade de Valência.

VINCENT, Gérard; PROST, Antoine (dir.) (1990), *Da primeira Guerra Mundial aos nossos dias* In DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (dir.) (1991), *História da vida privada*. Porto: Afrontamento.

WAHL, Alfred (2006), *La balle au pied: histoire du football*. Paris: Gallimard.

WILSON, James (2008), *Inverting the Pyramid: The History of Football Tactics*. Londres: Orion,